

Design Inclusivo e comunicação: uma análise dos desafios a partir dos relatos de adultos autistas

Inclusive Design and Communication: An Analysis of Challenges
Based on Accounts from Autistic Adults

Alessandra Santos Lima da Cunha¹
Rosemary do Bom Conselho Sales²

Resumo

As interações sociais são influenciadas por práticas de comunicação que reproduzem padrões normativos pouco sensíveis à diversidade cognitiva, gerando exclusões que afetam o bem-estar, especialmente de pessoas no espectro autista. Embora essa condição seja amplamente estudada, são escassas as pesquisas que consideram a experiência narrada por adultos, sobretudo nas interações cotidianas. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre o Design Inclusivo como abordagem ética e estratégica no contexto da saúde coletiva e da prestação de serviços. Buscou-se analisar as experiências de comunicação em contextos sociais vivenciadas por pessoas autistas e seus efeitos emocionais no bem-estar desse público, identificando necessidades e preferências de comunicação. A pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, constituindo um recorte de uma pesquisa de doutorado que relata experiências de adultos autistas diagnosticados com nível 1 de suporte. As narrativas foram coletadas a partir de um grupo focal on-line assíncrono e os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo, resultando em dois eixos interpretativos: desafios da comunicação no autismo e construção de uma comunicação neurodivergente. Os resultados mostram que práticas de comunicação mais claras, previsíveis e responsivas às necessidades de pessoas autistas se configuram como condições estruturantes para reduzir barreiras e promover o bem-estar. Evidencia-se que os desafios não decorrem exclusivamente de limitações individuais, mas de contextos sociais estruturados por normas predominantemente neurotípicas. Dessa forma, o estudo fortalece o compromisso social com a inclusão, especialmente no campo da saúde coletiva e dos serviços sociais.

Palavras-chave: saúde coletiva; autismo adulto; diversidade cognitiva; design inclusivo.

1

Doutora em Design pela
Universidade do Estado de Minas
Gerais (UEMG).

2

Doutora em Engenharia Mecânica
pela Universidade Federal de Minas
Gerais (UFMG). Docente da Escola
de Design da Universidade do
Estado de Minas Gerais (UEMG).



Abstract

Social interactions are influenced by communication practices that reproduce normative patterns that are insensitive to cognitive diversity, generating exclusions that affect well-being, especially for people on the autism spectrum. Although this condition is widely studied, research considering the experiences narrated by adults, particularly in everyday interactions, is scarce. This article proposes a critical reflection on Inclusive Design as an ethical and strategic approach in the context of public health and service provision. It sought to analyze the communication experiences in social contexts lived by autistic people and their emotional effects on the well-being of this population, identifying communication needs and preferences. The research is qualitative, exploratory, and descriptive, constituting a segment of a doctoral research project that reports the experiences of autistic adults diagnosed with level 1 support. The narratives were collected from an asynchronous online focus group, and the data were subjected to Content Analysis, resulting in two interpretative axes: communication challenges in autism and the construction of neurodivergent communication. The results show that clearer, more predictable, and responsive communication practices that meet the needs of autistic individuals are fundamental conditions for reducing barriers and promoting well-being. It is evident that the challenges do not stem exclusively from individual limitations, but from social contexts structured by predominantly neurotypical norms. Therefore, this study strengthens the social commitment to inclusion, especially in the fields of public health and social services.

Keywords: public health; adult autism; cognitive diversity; inclusive design.

1. Introdução

A comunicação interpessoal constitui o núcleo central das interações sociais, possibilitando que os indivíduos se relacionem, compartilhem experiências e construam significados coletivos (Bovério, 2018). Ela também influencia diretamente na forma como as pessoas constroem vínculos, expressam suas necessidades e participam de diferentes contextos sociais. Embora aparente ser simples, o ato de comunicar pode se tornar um processo complexo para algumas pessoas, sobretudo quando se consideram as diferenças individuais na forma de perceber, sentir e agir no mundo (Teixeira, 2025). Essas divergências tornam-se particularmente visíveis nas interações entre pessoas com diferentes neurotipos, como indivíduos no espectro autista e neurotípicos, termo utilizado para se referir



aqueles cujo desenvolvimento neurológico segue padrões socialmente considerados típicos.

O autismo, formalmente reconhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social (APA, 2022). Essas dificuldades podem variar em intensidade conforme o nível de suporte ao longo do espectro. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR) descreve que pessoas autistas apresentam dificuldades relacionadas à reciprocidade social, à flexibilidade cognitiva e à adaptação a mudanças, aspectos que repercutem nas interações cotidianas (APA, 2022). Apesar do crescente número de diagnósticos (Zeidan *et al.*, 2022), grande parte das pesquisas sobre autismo no campo do design ainda se concentra na infância, sem abordar diretamente as necessidades dos autistas adultos (Albuquerque; Benitez, 2020; Barbosa; Nunes, 2017; Mostardeiro, 2019).

Nos estudos sobre autismo, uma abordagem que tem ganhado força nas últimas décadas é a perspectiva da neurodiversidade. Segundo Bliacheris & Hernandez (2024), a neurodiversidade é uma perspectiva político-social que compreende o autismo, assim como outras variações neurológicas, como expressões naturais da diversidade humana, e não como patologias. Essa perspectiva ganha importância por deslocar o foco do *déficit* individual para uma crítica às barreiras sociais, que resultam na exclusão de pessoas com variações neurológicas (Bliacheris & Hernandez, 2024). Damian Milton (2012), ao propor a teoria *Double Empathy Problem*, argumenta que as dificuldades de comunicação entre autistas e neurotípicos decorrem de *déficits* individuais dos autistas e de diferenças mútuas na forma como ambos vivenciam e interpretam o mundo.

Nesse contexto, o design desempenha um papel fundamental, ao estruturar práticas, produtos e ambientes que influenciam diretamente na forma como as pessoas interagem e participam da vida social. A partir dessa compreensão, o Design Inclusivo emerge como uma abordagem que reconhece a diversidade humana e busca contemplar diferentes necessidades, incluindo variações cognitivas e condições específicas, como o autismo (Gomes; Quaresma, 2018). Essa perspectiva amplia a noção de inclusão, indo além da criação de produtos e espaços acessíveis, ao



incorporar a necessidade de desenvolver estratégias de comunicação que considerem formas diferentes de perceber e interagir no próprio processo projetual. Dessa forma, as dificuldades de comunicação vivenciadas por pessoas autistas nas interações sociais se tornam um tema relevante no fortalecimento de práticas de design mais sensíveis e equitativas.

Assim, este estudo integra uma pesquisa de doutorado que investigou a comunicação entre profissionais de projeto e autistas adultos, com foco nas experiências relatadas sobre suas preferências no processo projetual. O artigo apresenta um recorte dessa investigação, centrado nos relatos de autistas adultos de nível 1 de suporte. As narrativas, coletadas por meio de um grupo focal *on-line* assíncrono, e submetidas à Análise de Conteúdo, oferecem subsídios para refletirmos criticamente sobre a comunicação como dimensão projetual no âmbito do Design Inclusivo, promovendo maior sensibilidade às diferentes formas de percepção e interação. Ao enfatizar a experiência de adultos, este estudo busca contribuir para preencher uma lacuna presente na literatura, que tradicionalmente privilegia a infância, ampliando o debate sobre práticas inclusivas no campo do design. Portanto, este artigo busca oferecer elementos de reflexão e orientação a designers atuantes no campo do Design Inclusivo, com o propósito de apoiar a condução de processos colaborativos com autistas adultos, a partir da compreensão da comunicação como dimensão projetual.

2. Contextualização

O Design tem uma contribuição importante no desenvolvimento social, influenciando decisões culturais e econômicas, além de moldar comportamentos coletivos (Amphilóquio; Sobral, 2018). Papanek (1984) ressalta que o design envolve a produção de artefatos e constitui uma atividade humana relevante, voltada à organização intencional de ações em direção aos objetivos desejados. Cotrim e Ribeiro (2024) demonstram que a atuação do designer age como mediador na organização de informações, ao criar contextos que favoreçam a saúde e a participação do usuário. A literatura deste campo também indica que o espaço construído impacta o bem-estar e a saúde mental, contribuindo para reduzir a ansiedade e



melhorar a qualidade de vida (Barbosa, 2020; Crízel, 2024; Rosa et al., 2022; Voordt, 2021).

Nesse contexto, o Design Inclusivo constitui uma abordagem projetual voltada às necessidades de grupos historicamente minoritários, deslocando o foco da deficiência para as barreiras produzidas por ambientes, produtos e serviços (Gomes; Quaresma, 2018; Clarkson et al., 2003). Apesar de presente na formação acadêmica, sua sistematização ainda é incipiente, o que demanda maior consolidação no campo (Gomes; Quaresma, 2021). Assim, decisões projetuais orientadas por critérios como utilidade, usabilidade e compatibilidade contribuem para promover inclusão, independência e maior alcance dos produtos, sem reforçar estigmas (Waller et al., 2015; Sousa et al., 2023). Entre os grupos que evidenciam esses desafios, destacam-se as pessoas no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA é uma condição complexa do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação e interação social (APA, 2022). Por não ser perceptível de imediato, é frequentemente descrito como uma deficiência invisível, o que dificulta a inclusão seja pela falta de compreensão do autismo seja pela ausência de suporte adequado a esse grupo (Granjon et al., 2025; Ripamonti, 2016). Para Mostafa (2023), o design verdadeiramente inclusivo considera as necessidades cognitivas, sensoriais e emocionais dos usuários, criando ambientes acolhedores e funcionais. No caso do autismo, os estímulos do ambiente influenciam diretamente na comunicação, afetando a expressão e a compreensão das interações sociais (Kirby et al., 2017; Cunha, 2025). Isso repercute no bem-estar e na saúde mental, podendo gerar sobrecarga e ansiedade.

Assim, o Design Inclusivo elimina barreiras físicas e de controle de estímulos sensoriais, envolvendo também a organização das condições de comunicação que estruturam a experiência do usuário. Projetar para o espectro autista implica reconhecer a comunicação como dimensão sistêmica do processo projetual, que demanda previsibilidade, organização espacial e meios de comunicação acessíveis e claros (Cunha et al., 2026; Goris et al., 2019; Pereira; Sousa, 2023). Diante desse cenário, torna-se importante investigar de que forma essas questões se manifestam na prática, o que orientou a escolha da metodologia desse estudo.



3. Percurso Metodológico

A pesquisa é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, voltada à compreensão das experiências de comunicação de autistas adultos em contextos sociais, apoiada em autores clássicos da metodologia científica (Gil, 2008; Minayo, 2012; Lösch, Rambo, Ferreira, 2023). Trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir de Grupo Focal (GF) *on-line* assíncrono, cujos dados foram submetidos à Análise de Conteúdo (AC).

3.1 Grupo Focal *On-line* Assíncrono

O Grupo Focal (GF) é uma técnica qualitativa de discussão guiada a partir de um roteiro (Ressel *et al.*, 2008). Essa dinâmica favorece a reflexão e o compartilhamento de percepções entre os participantes, possibilitando identificar experiências e significados atribuídos coletivamente (Busanello *et al.*, 2012). Conforme Williams *et al.* (2012), o GF *on-line* assíncrono realiza discussões em plataformas virtuais, onde os participantes respondem às mensagens em seu próprio tempo. Embora ainda pouco difundido, essa modalidade tem sido utilizada em pesquisas internacionais com pessoas autistas, por respeitar o ritmo individual de comunicação dos participantes (Rivières-Pigeon *et al.*, 2025; Gowen *et al.*, 2020).

Para explorar as experiências de comunicação dos integrantes, o GF foi estruturado em três semanas de discussão. Cada uma delas foi organizada em torno de cinco questões norteadoras, totalizando 15 questões, conforme apresentado no Quadro 1. As discussões foram distribuídas em três blocos temáticos: na primeira semana, o processo de diagnóstico do autismo e a experiência pessoal; na segunda, as questões de comunicação; e na terceira, a comunicação com prestadores de serviço. Em conjunto, as 15 questões possibilitaram compreender como os padrões normativos de comunicação impactam na experiência social e no bem-estar de pessoas autistas.

Quadro 1 – Estrutura das discussões no Grupo Focal *on-line* assíncrono.

Blocos Temáticos	Tema Discussão	Questões Abordadas
1ª Semana: Diagnóstico e experiência pessoal	Introduz a trajetória pessoal é o ponto de partida da comunicação.	1 - Processo de diagnóstico e a idade em que ocorreu; 2 - Acompanhamento profissional e tratamentos após o diagnóstico; 3 - Sensibilidades <i>hiper</i> ou <i>hipo</i> e seus impactos na interação social; 4 - Desafios enfrentados durante interações com pessoas neurotípicas ou neurodivergentes; 5 - Preferências de comunicação com pessoas não próximas.
2ª Semana: Questões de comunicação	Aprofunda os fatores sobre a experiência de comunicação em contextos sociais.	1 - Diferenças percebidas na comunicação com pessoas neurodivergentes e neurotípicas; 2 - Impactos das dificuldades de comunicação com neurotípicos no cotidiano; 3 - Formas preferidas de comunicar com pessoas próximas; 4 - Interação com prestadores de serviço em diferentes contextos; 5 - Principais dificuldades enfrentadas nessas interações.
3ª Semana: Comunicação com prestadores de serviço	Aplica os fatores de comunicação em contexto de contratação de serviços.	1 - Experiências de comunicação ao contratar profissionais como arquitetos, engenheiros e designers; 2 - Características desejáveis para facilitar a interação com profissionais; 3 - Fatores que poderiam tornar o processo de projeto mais agradável e com menor grau de ansiedade; 4 - Desafios relacionados às decisões envolvidas em projetos e formas preferidas de lidar com essas situações; 5 - Estratégias de comunicação sugeridas pelos participantes para que os profissionais compreendam suas necessidades e respeitem seus estilos de comunicação.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

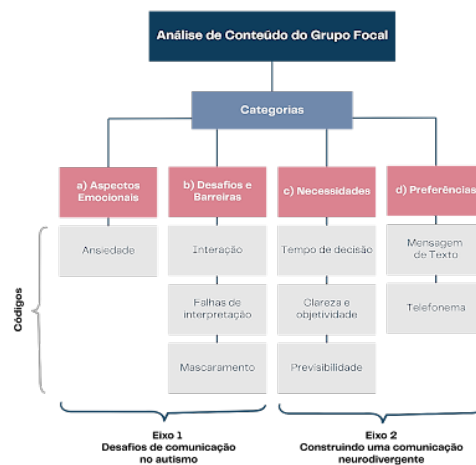
Os participantes foram convidados a partir de grupos de *WhatsApp* voltados para pessoas autistas, mediados por um profissional da psicologia com atuação exclusiva junto a esse público. Os critérios de inclusão foram: ter idade igual ou superior a 18 anos, diagnóstico de autismo Nível 1 de suporte e interesse em participar da discussão. A participação foi voluntária e formalizada mediante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os princípios éticos previstos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após a divulgação da pesquisa no grupo de *WhatsApp*, 11 voluntários manifestaram interesse em participar do estudo. O GF, realizado na modalidade *on-line* e assíncrona pela própria plataforma, contou com oito mulheres e três homens de diferentes estados brasileiros (Alagoas, Paraíba, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pernambuco e Minas Gerais), todos com diagnóstico de autismo

Nível 1 de suporte. A faixa etária variou entre 27 e 55 anos, com predominância entre 30 e 40 anos, e a maioria havia recebido o diagnóstico entre dois e três anos antes da pesquisa. Os dados coletados foram organizados e submetidos à Análise de Conteúdo (AC), onde se evidenciou os principais desafios de comunicação enfrentados pelos autistas participantes.

3.2 Análise de Conteúdo

Análise de Conteúdo (AC) é um método que possibilita interpretações detalhadas e fundamentadas nos dados, sendo especialmente úteis para a compreensão de percepções, experiências e opiniões dos participantes (Bardin, 2016). A AC seguiu as três etapas propostas por Bardin (2016): pré-análise (organização inicial), exploração do material (codificação e categorização) e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). O software ATLAS.ti foi utilizado para auxiliar na organização e análise dos registros do GF, permitindo *insights* mais precisos sobre as informações coletadas. Após a codificação, os dados foram agrupados por similaridade temática, conforme Figura 1, resultando em quatro categorias: a) aspectos emocionais, b) barreiras e desafios, c) necessidades e d) preferências.

Figura 1 – Achados da Análise de Conteúdo



Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Essas categorias foram, posteriormente, sintetizadas em dois eixos interpretativos que estruturam a apresentação dos resultados: os desafios da comunicação no autismo (Eixo 1) e a construção de uma comunicação neurodivergente (Eixo 2). A organização dos eixos buscou facilitar a interpretação das categorias e permitir uma discussão mais fluida, alinhada aos objetivos da pesquisa.

4. Resultados e Discussões

Os resultados estão alinhados ao objetivo do estudo de compreender as experiências de comunicação de autistas adultos em contextos sociais. O GF possibilitou identificar desafios e estratégias comunicacionais, enquanto a AC organizou os achados em dois eixos interpretativos: (1) desafios da comunicação no autismo e (2) construção de uma comunicação neurodivergente, discutidos a seguir em suas implicações para a inclusão e o Design Inclusivo.

4.1 Eixo 1 - Os desafios da comunicação no autismo

Este eixo reúne os relatos relacionados às categorias analíticas: aspectos emocionais (a) e barreiras e desafios (b), evidenciando as dificuldades enfrentadas pelos participantes em diferentes contextos sociais e permitindo compreender como tais obstáculos impactam as suas interações cotidianas. Para preservar a confidencialidade, os integrantes do estudo foram identificados por códigos alfanuméricos (A1, A2, ..., A11).

a) Aspectos emocionais

Os relatos mostram que os aspectos emocionais estão interligados aos desafios de comunicação vivenciados pelos autistas, especialmente em interações entre diferentes neurotipos. A ansiedade se mostra como o fator mais recorrente, frequentemente descrita como resposta direta aos contextos de comunicação pouco adaptados às especificidades autistas. Além disso, sentimentos como frustração, insegurança e sobrecarga emocional foram mencionados, mostrando que a experiência de comunicação envolve



dificuldades técnicas ou cognitivas e dimensões afetivas que impactam no bem-estar. Durante os encontros, vários participantes compartilharam que as situações de interação social costumam aumentar a ansiedade, especialmente quando existe excesso de estímulos no ambiente ou de informações simultâneas, o que reforça a necessidade de estratégias projetuais que considerem a dimensão emocional da comunicação.

Conforme relatado por um dos participantes, *“não consigo interagir em grupos, pois o excesso de mensagens e as conversas que se atravessam, além de dificultarem a minha compreensão, geram-me ansiedade extrema”* (A5). Esse relato converge com a experiência de outros participantes, que mencionaram condições associadas, como ansiedade generalizada e depressão (A1, A2, A6, A8). Tais fatores, quando combinados, intensificam o impacto negativo das interações sociais na vida cotidiana, evidenciando que os aspectos emocionais constituem uma dimensão central dos desafios de comunicação enfrentados por adultos autistas.

Percebe-se, assim, que o aumento da ansiedade se configura como um fator individual e como uma consequência de ambientes que não são sensorialmente adaptados ao espectro. Pesquisas recentes reforçam essa relação entre as questões sociais e a recorrência da ansiedade no autismo. Cooper et al. (2023) demonstram que jovens com maior identificação com sua identidade autista, e, portanto, maior senso de pertencimento, apresentam níveis mais baixos de ansiedade. De modo complementar, Hymas et al. (2024), em uma revisão sistemática, evidenciam que os autistas tendem a se sentir mais solitários do que os neurotípicos, destacando a forte associação entre a solidão e a ansiedade no espectro. Esses achados indicam que a ansiedade é central nas experiências emocionais na comunicação autista e que o fortalecimento da identificação social e do pertencimento pode reduzir seus impactos e promover bem-estar.

b) Desafio e Barreiras

Os relatos dos participantes sobre os desafios de comunicação retratam que eles envolvem características técnicas, e barreiras sociais e emocionais, que influenciam diretamente no bem-estar. Entre os principais obstáculos identificados estão as dificuldades de interação, as falhas de



interpretação e o uso de estratégias de mascaramento social. No que se refere à interação, os participantes apontaram que a comunicação com pessoas neurotípicas é percebida como mais complexa e desgastante, em razão de estilos de comunicação distintos.

Essa percepção aparece, por exemplo, na fala de um dos participantes, destacando que *“neurotípicos demoram demais para chegar ‘ao ponto’ e costumam ser muito ‘sensíveis’, se ofendem facilmente com uma ausência de bom dia, com uma fala direta [...], e falam uma coisa querendo dizer outra”* (A5). Em contraste com as interações com pessoas neurotípicas, os participantes relataram que o diálogo entre os autistas tende a ser mais leve e confortável, favorecendo a espontaneidade e a fluidez da comunicação. Essa percepção aparece, por exemplo, na afirmação: *“conversando com outra pessoa autista, me sinto livre para ser eu mesma e flui naturalmente”* (A2). O relato evidencia que existem estilos de comunicação distintos entre neurotípicos e neurodivergentes, reforçando a importância de compreender essas diferenças e de superar padrões sociais típicos, para promover interações mais inclusivas.

Outros desafios recorrentes apontados pelos participantes dizem respeito às falhas de interpretação das falas de pessoas autistas em interações com neurotípicos, descritas como fonte constante de desconforto e frustração. Essa dificuldade aparece, por exemplo, no relato: *“eu falo ‘A’ e o neurotípico entende ‘B’, só porque ele acha que estou querendo dizer ‘B’. Isso é horrível. Se eu falei ‘A’ estou querendo dizer ‘A’ mesmo”* (A7). Outro participante complementa essa afirmação, destacando a necessidade de seguir protocolos de comunicação implícitos socialmente: *“quando me comunico com pessoas típicas, sempre preciso ter cuidados com certos protocolos, que as pessoas neurodivergentes parecem não ligar”* (A11). Esses relatos mostram a dificuldade de se fazer compreendido e o esforço adicional exigido nessas interações, o que pode contribuir para processos de desregulação emocional e intensificar a consequência negativa da comunicação no cotidiano.

O mascaramento (*masking*) aparece como um mecanismo social frequentemente utilizado por autistas para lidar com os desafios de comunicação. Livingston et al. (2019) descrevem o *masking* como um



conjunto de estratégias de ajuste de comportamento para regular manifestações sociais existentes e tornar a interação social mais aceitável ou esperada. Nos relatos, essa prática surge como tentativa de reduzir a sensação de deslocamento social, como expressa uma participante: *"passei a vida toda camuflando comportamentos para parecer menos 'esquisita'"* (A2). Em contraste, a interação com outros autistas foi associada à diminuição da necessidade de mascaramento, favorecendo experiências de maior aceitação e autenticidade: *"me sinto mais compreendida, aceita, com menos necessidade de mascarar tanto minhas dificuldades"* (A4).

Desse modo, os relatos mostram que as barreiras de comunicação decorrem de características individuais e de ambientes e normas sociais pouco adaptados às especificidades autistas. Milton (2012) argumenta que autistas são frequentemente mal interpretados por neurotípicos, invertendo a visão estigmatizante de que apenas pessoas no espectro falham em compreender intenções alheias. Em concordância, a literatura aponta que o mascaramento, ao surgir como necessidade de camuflar características do autismo, gera impactos negativos significativos, como perda da identidade, esgotamento, depressão, ansiedade, *burnout* e fadiga (Sedgewick; Hill; Ellis, 2021), destacando a relação direta entre interação social e bem-estar. A ansiedade, a necessidade de mascaramento e as falhas de interpretação das falas demonstram o esforço contínuo exigido dos autistas nas interações com neurotípicos, resultando em desgaste emocional e sensação de inadequação. Em contraste, a comunicação entre autistas foi associada a maior fluidez e aceitação, indicando que estilos de comunicação diferentes precisam ser reconhecidos como legítimos para promover inclusão.

4.2 Eixo 2 - Construindo uma comunicação neurodivergente

Este eixo reúne os relatos relacionados às categorias: necessidades (c) e preferências (d), destacando como essas dimensões se conectam às formas de interação consideradas mais adequadas pelos participantes. Os relatos mostram que, quando tais necessidades são reconhecidas, o diálogo se torna mais inclusivo e confortável, favorecendo experiências de maior autenticidade. Evidencia-se que a construção de uma comunicação neurodivergente envolve o reconhecimento de estilos de comunicação



distintos, apontando caminhos para práticas sociais e institucionais mais inclusivas.

c) Necessidades

Observa-se que determinadas necessidades emergem como elementos estruturantes da comunicação dos autistas. Elas se configuram como preferências pessoais e como condições para que a interação seja percebida de maneira acessível, legítima e significativa. Nesse contexto, surgem de forma recorrente certas necessidades, funcionando como condições necessárias para que a interação seja percebida como acessível e significativa. Entre os temas mais recorrentes, destacam-se: a busca por clareza e objetividade das informações, a previsibilidade das interações e o tempo adequado para o processamento e a tomada de decisão. Esses aspectos foram descritos como condições relevantes para que a comunicação aconteça de maneira confortável, favorecendo a participação dos autistas em diferentes contextos sociais.

Conforme relata um dos participantes: *“preciso de bastante clareza e detalhes nas informações, gosto de saber prazos e horários. Quanto mais informações o profissional puder me dar, melhor, para assim eu poder me organizar e me preparar para lidar com tudo de forma mais tranquila, sabendo o que esperar”* (A6). Por outro lado, fugindo dessa lógica, a comunicação com pessoas neurotípicas foi frequentemente descrita como pouco objetiva, dificultando a compreensão e gerando insegurança, como relatado por outro participante: *“eu gosto de uma comunicação direta e assertiva, e me perco quando a outra pessoa ‘dá muitas voltas’ e acabo tendo dificuldade para compreender a proposta final”* (A1).

Essa busca por objetividade, presente nos depoimentos, mostra que a transparência das informações funciona como suporte para a autonomia, deixando as interações mais seguras e inclusivas. Enquanto os discursos ambíguos ou as mensagens indiretas tendem a ampliar a insegurança e o desgaste emocional de pessoas autistas, a necessidade por clareza está diretamente relacionada à busca por previsibilidade. Ter informações antecipadas sobre o que acontecerá permite que as pessoas autistas gerenciem melhor as suas expectativas e emoções, o que reduz o risco de



desregulações emocionais. Um dos participantes destaca a necessidade de clareza por parte do neurotípico: *"a pessoa precisa me entregar um pouco de previsibilidade pra que eu consiga gerir minha expectativa minimamente"* (A1).

A rigidez cognitiva, característica presente em alguns autistas, foi apontada como um dos fatores que intensificam a necessidade de previsibilidade nas interações sociais. Conforme uma das falas: *"é pela minha rigidez cognitiva e consequentemente grande necessidade de previsibilidade"* (A5). Nesse sentido, a antecipação dos acontecimentos durante a interação social constitui um recurso necessário, pois proporciona maior sensação de segurança e conforto, além de contribuir para a redução significativa da ansiedade.

Durante as discussões, destacou-se de maneira recorrente o desejo dos participantes de dispor de mais tempo para a tomada de decisões. Esse aspecto foi associado à necessidade de intervalos maiores para o processamento das informações, sobretudo em situações caracterizadas por maior complexidade ou excesso de estímulos sensoriais. Um relato evidencia essa demanda: *"é importante ter o tempo necessário para organizar as ideias, pensar e responder"* (A7). Outro participante reforçou a mesma perspectiva, ao afirmar que *"se eu tiver tempo hábil, não me sinto sobrecarregada. Então, se me derem tempo para avaliar e pensar sozinha, tudo corre bem"* (A1). Tais depoimentos indicam que o tempo de processamento constitui uma condição importante para a redução da sobrecarga mental e para a promoção de uma interação mais confortável.

Os dados coletados evidenciam que, quando o tempo de processamento é respeitado, a interação tende a ser vivenciada com maior tranquilidade e segurança. Esse achado converge com os resultados de pesquisas anteriores, que apontam dificuldades relacionadas ao tempo de processamento em indivíduos autistas, especialmente em contextos de elevada complexidade ou sobrecarga sensorial (Jurek et al., 2019; Chan et al., 2023). A articulação entre os depoimentos dos participantes e a literatura reforça, portanto, a relevância de práticas de comunicação que considerem a necessidade de intervalos adequados para organização das ideias e tomada de decisão.



d) Preferências

Nas falas também se destacaram as preferências dos participantes em relação aos meios de comunicação utilizados. O telefonema foi apontado como o recurso mais evitado, por ser percebido como imprevisível e por gerar sobrecarregar sensorial. Um relato ilustra essa percepção: *“por telefone é muito imprevisível e, ainda, tem a dificuldade em saber o momento de ouvir, o momento de falar, ter que pensar rápido, a qualidade do som e o sinal da ligação, além de barulhos inesperados”* (A2). Esse depoimento demonstra que essa modalidade pode intensificar demandas cognitivas e sensoriais, tornando-se menos adequada para uma interação inclusiva.

Em contraste, as mensagens de texto foram descritas como a forma mais confortável e preferida, justamente por atender às necessidades de clareza, previsibilidade e tempo de processamento. Como relatou um participante: *“mensagens escritas permitem que eu as leia com calma para entender melhor o que está sendo dito, consiga ‘visualizar’ todas as informações, possibilitam que eu pense antes de responder e reescreva a mensagem até que ela esteja passando o que eu realmente quero transmitir”* (A4).

Esses depoimentos evidenciam que os canais de comunicação podem gerar tensão e desgaste ou favorecer o controle, conforto e segurança na participação social. Tais preferências encontram respaldo na literatura, que aponta a predileção pelas mensagens de texto como o meio de comunicação preferido entre autistas, enquanto o telefone é o recurso menos utilizado (Howard; Sedgewick, 2021). A adaptação constante à comunicação neurotípica emerge como um fator de estresse e esgotamento mental, com potencial para agravar quadros de ansiedade e depressão. Nesse sentido, torna-se relevante reconhecer a comunicação como uma dimensão sistêmica projetável, na qual preferências, necessidades, ritmos e canais devem ser compreendidos como elementos que interferem diretamente na saúde mental e na qualidade de vida de pessoas autistas.

Essas evidências têm implicações diretas para o Design Inclusivo, por apontarem que aspectos como clareza, previsibilidade, respeito ao tempo de processamento e adequação dos canais devem orientar todo o processo



projetual. Assim, a comunicação se consolida como dimensão central do Design Inclusivo, oferecendo subsídios concretos para que designers possam desenvolver processos mais seguros, acessíveis e responsivos às necessidades de pessoas autistas.

5. Considerações Finais

Esse estudo demonstrou que a comunicação constitui uma dimensão básica da inclusão de pessoas autistas em contextos sociais. Os relatos mostraram que a clareza das informações, a previsibilidade das interações, o respeito ao tempo de processamento e a adequação dos canais de comunicação são condições estruturantes para reduzir a sobrecarga mental e a ansiedade.

O Grupo Focal *on-line* assíncrono foi particularmente adequado às especificidades de comunicação dos participantes autistas, ao permitir respostas no próprio ritmo, reduzir a ansiedade e favorecer relatos detalhados. Conforme demonstrado nas falas, percebe-se uma preferência por canais textuais e dificuldades em interações síncronas, indicando que essa modalidade respeita o tempo de processamento e amplia a qualidade das informações coletadas. Assim, recomenda-se seu uso em pesquisas com autistas adultos, especialmente na investigação aprofundada de experiências de comunicação.

A Análise de Conteúdo desempenhou um papel relevante, ao organizar os relatos em dois eixos interpretativos: o primeiro indica que a ansiedade, a sobrecarga sensorial e as falhas de interpretação estão associadas a contextos sociais orientados por normas neurotípicas, e não às limitações individuais; o segundo, demonstra que as práticas comunicacionais claras, previsíveis e responsivas favorecem interações inclusivas e promovem o bem-estar dos participantes.

Os resultados reforçam a comunicação como princípio ético do Design Inclusivo, tão relevante quanto os aspectos físicos e sensoriais. Projetar para a neurodiversidade implica a reorganização de práticas e protocolos comunicacionais, reconhecendo o seu papel na inclusão dos indivíduos. Assim, o estudo contribui para o avanço do debate na saúde coletiva e nos serviços sociais, ao incorporar a comunicação como eixo



Design Inclusivo e comunicação: uma análise dos desafios a partir dos relatos de adultos autistas
Alessandra Santos Lima da Cunha
Rosemary do Bom Conselho Sales

central, evidenciando que as práticas mais sensíveis às diferenças reduzem barreiras e promovem interações inclusivas e eficazes.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).



Referências

ALBUQUERQUE, Isis; BENITEZ, Priscila. O brincar e a criança com transtorno do espectro autista: revisão de estudos brasileiros. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1939–1953, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Fifth Edition Text Revision. DSM-5-TR., 2022.

AMPHILÓQUIO, Willian; SOBRAL, João Eduardo Chagas. Design e sociedade: uma reflexão sobre acessibilidade, interação e inclusão. Human Factors in Design, Florianópolis, v. 7, n. 13, p. 165–176, 2018. DOI: 10.5965/2316796307132018165.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Edições 70, São Paulo, 2016.

BARBOSA, Patrícia Aparecida da Silva.; NUNES, Clara dos Reis. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. Múltiplos Acessos, v. 2, n. 2, 2017.

BARBOSA, Lucas Cândido. Projeto Solte-se: o design como auxiliador do bem-estar dos estudantes da Universidade Federal de Uberlândia. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

BLIACHERIS, Marcos Weiss; HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. O movimento social da neurodiversidade e a consciência política autista. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 24, e24081, 2024.

BOVÉRIO, Maria Aparecida. COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: a importância da comunicação para a socialização do homem. Revista Interface Tecnológica, Taquaritinga, SP, v. 15, n. 1, p. 326–337, 2018. DOI: 10.31510/inf.v15i1.327.

BUSANELLO, Josefine; LUNARDI FILHO, Wilson D.; KERBER, Nalú P. C.; SANTOS, Silvana S. C.; LUNARDI, Valéria L.; POHLMANN, Flávia C. Grupo Focal como técnica de coleta de dados. Cogitare Enfermagem, v. 18, n. 2, 2013, p. 358-364.



CHAN, Agnes S.; DING, Zihan; LEE, Tsz-lok; SZE, Sophia L.; CHEUNG, Mei-Chun. Temporal processing deficit in children and adolescents with autism spectrum disorder: An online assessment. Digit Health., v. 9, 2023.

CLARKSON, John; COLEMAN, Roger; KEATES, Simeon; LEBBON, Cherie (org.). Inclusive design: design for the whole population. London: Springer-Verlag, 2003.

COOPER, Kate; RUSSELL, Ailsa J.; LEI, Jiedi; SMITH, Laura G. E. The impact of a positive autism identity and autistic community solidarity on social anxiety and mental health in autistic young people. Autism, v. 27, n. 5, p. 1408-1420, 2023.

COTRIM, Michelle; RIBEIRO, Rita A. da C. Design e inclusão: o “design para o bem-estar” na transmissão de conhecimento para crianças TEA. Cuadernos del centro de estudios de diseño y comunicación, v. 209, p. 285-295, 2024.

CRÍZEL, Lorí. Design inclusivo e regenerativo: projetando ambientes para idosos e neurodiversos. ArchDaily Brasil, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1013847/design-inclusivo-e-regenerativo-projetando-ambientes-para-idosos-e-neurodiversos>. Acesso em: 16 fev. 2026. ISSN 0719-8906.

CUNHA, Alessandra S. L. da. Prática projetual e a comunicação entre designers de ambientes/interiores e autistas adultos. 2025. Tese (Doutorado em Design) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

CUNHA, Alessandra S. L. da; FRANCO, Juliana R.; SALES, Rosemary do B. C.; «Design Sensorial: diretrizes e desafios de projetar espaços inclusivos com foco em pessoas autistas», p-125-137. In: 11º MXRio Design Conference 2025. São Paulo: Blucher, 2026. ISSN 23186968, DOI 10.5151/mxriondc2025-0011

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES. Danila; QUARESMA, Manuela. Introdução ao Design Inclusivo. Curitiba: Appris, 2018.



GOMES, D.; QUARESMA, M. O Design Inclusivo no Brasil: seu ensino nos cursos de graduação em Design. Rio de Janeiro: Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces – PUC-Rio, 2021.

GORIS, Judith; BRASS, Marcel; CAMBIER, Charlotte; DELPLANQUE, Jeroen; WIERSEMA, Jan R.; BRAEM, Senne. The relation between preference for predictability and autistic traits. *Autism Research*, v. 13, n. 7, p. 1144-1154, 2019.

GOWEN, Emma; VABALAS, Andrius; CASSON, Alexander J.; POLIAKOFF, Ellen. Instructions to attend to an observed action increase imitation in autistic adults. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, v. 24, n. 3, p. 730–743, 2020.

GRANJON, Marine; PITTAUD, Nicolas; POPA-ROCH, Maria; AUBÉ, Benoîte; ROHMER, Odile. Attitudes towards invisible disabilities: evidence from behavioral tendencies. *Current Research in Behavioral Sciences*, v. 8, p. 100164, 2025.

HOWARD, Philippa L.; SEDGEWICK, Felicity. 'Anything but the phone!': Communication mode preferences in the autism community. *Autism*, v. 25, n. 8, p. 2265–2278, 2021.

HYMAS, Rachel; BADCOCK, Jonathon C.; MILNE, Elizabeth. Loneliness in autism and its association with anxiety and depression: a systematic review with meta-analyses. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 11, n. 1, p. 121-156, 2024.

JUREK, Lucie; LONGUET, Yannick; BALTAZAR, Matias; AMESTOY, Anouck; SCHMITT, Vicky; DESMURGET, Michel; GEOFFRAY, Marie-Maude. How did I get so late so soon? A review of time processing and management in autism. *Behavioural Brain Research*, v. 374, 112121, 2019.

KIRBY, Anne V.; BOYD, Brian A.; WILLIAMS, Kathryn L.; FALDOWSKI, Richard A.; BARANEK, Grace T. Sensory and repetitive behaviors among children with autism spectrum disorder at home. *Autism*, v. 21, n. 2, p. 142–154, fev. 2017. DOI: 10.1177/1362361316632710.



LIVINGSTON, Lucy A.; SHAH, Punit; HAPPÉ, Francesca. Compensatory strategies below the behavioural surface in autism: A qualitative study. *The Lancet Psychiatry*, v. 6, p. 766–777, 2019.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos A.; FERREIRA, Jacques de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN:1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MILTON, Damian. On the ontological status of autism: the 'double empathy problem'. *Disability & Society*, n. 27, v. 6, p. 883-887, 2012.

MOSTAFA, Magda. An Architecture for Autism: Concepts of Design Intervention for the Autistic User. *International Journal of Architectural Research*, v. 17, n. 2, p. 170-190, 2023.

MOSTARDEIRO, Martina. Design de interiores para crianças com TEA: proposta de framework para definição de requisitos de projeto. 2019. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PAPANÉK, Victor. Design for the real world: human ecology and social change. 2. ed. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1984.

PEREIRA, Amanda M.; SOUSA, Eliene R. A importância da rotina e da previsibilidade para a aprendizagem de crianças e adolescentes com TEA. In: *Anais IX Congresso Nacional de Educação*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. p. 1-6.

RESSEL, Lúcia B.; BECK, Carmem L. C.; GUALDA, Dulce M. R.; HOFFMANN, Izabel C.; SILVA, Rosângela M. da; SEHNEM, Graciela D. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 779–786, 2008.

RIPAMONTI, Lidia. Disability, diversity, and autism: philosophical perspectives on health. *The New Bioethics*, v. 22, n. 1, p. 56–70, 2016.



RIVIÈRES-PIGEON, Catherine des; MALBOEUF, Valérie; NADIG, Aparna. Asynchronous focus groups on Facebook: a research method for engaging with autistic people, their families, and support professionals. *Quality & Quantity*, v. 59, 2025. DOI: 10.1007/s11135-025-02327-z

ROSA, Carolina S.; MERINO, Giselle S. A. D.; MERINO, Eugenio. A. D. Design e Saúde: um panorama de estudos relacionados ao desenvolvimento de projetos de Design em ambientes hospitalares no cenário brasileiro. In: *Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2022.

SEdgeWICK, Felicity; HULL, Laura; ELLIS, Helen. *Autism and Masking: How and Why People Do It, and the Impact It Can Have*. Ed. Jessica Kingsley, 2021.

SILVA, Guilherme L. F. Contribuições do software Atlas-ti para análise de conteúdo dos saberes docentes. In: *XI Reunião Científica Regional da Associação Nacional De Pesquisa E Pós-Graduação Em Educação - ANPED Sul*, 2016, Curitiba. *Anais da ANPED*, Curitiba: p. 01-18, 2016.

SOUSA, Jailson Oliveira; SILVEIRA, Icléia; MACIEL, Dulce Maria Holanda. Design inclusivo: recursos assistivos para um modelo de camisa social para pessoa com deficiência visual. *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 1–24, 2023. DOI: 10.5965/25944630732023e3880.

TEIXEIRA, Marcelo M. Desafios e possibilidades da Comunicação no Universo Virtual. *Revista Comunicação, Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2025. DOI: 10.30681/rccs.v11i1.10787.

VOORDT, Theo van der. Projetando para a saúde e o bem-estar: vários conceitos, metas similares. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, São Carlos, v. 16, n. 4, p. 13–31, 2021.

WALLER, Simon; BRADLEY, Mark; HOSKING, Ian; CLARKSON, P. John. Making the case for inclusive design. *Applied Ergonomics*, Oxford, v. 46, p. 297–303, 2015.

WILLIAMS, Sarah; CLAUSEN, Maria G.; ROBERTSON, Ann; PEACOCK, Susi;



McPHERSON, Kerri. Methodological Reflections on the Use of Asynchronous Online Focus Groups in Health Research. *International Journal of Qualitative Methods*, Alberta, v. 11, n. 4, p. 368-381, 2012.

ZEIDAN, Jinan; FROMBONNE, Eric; SCORAH, Julie; IBRAHIM, Alaa; DURKIN, Maureen S.; SAXENA, Shekhar; YUSUF, Afqah; SHIH, Andy; ELSABBAGH, Mayada. Global prevalence of autism: A systematic review update. *Autism Research*, v. 15, n. 5, p. 778-790, 2022. doi: 10.1002/aur.2696.

